



Divaldo Suruagy

## Arte de governar

O grande sonho de todo chefe de Estado é conquistar o respeito e a estima do povo que governa. Quando, nas encruzilhadas da difícil arte de dirigir, for obrigado a optar, deve sacrificar a estima para preservar o respeito. Alimentado por um desses sentimentos, ele ainda terá condições de governabilidade. Perdendo os dois, dificilmente permanecerá conduzindo a ação governamental.

Montesquieu, em sua sabedoria, advertiu à Humanidade: "A corrupção de um governo começa quase sempre com a corrupção dos seus princípios".

A imagem de um governo começa a se deteriorar quando a postura de um de seus membros é incompatível com a dignidade que o cargo exige e o governante, insistindo em mantê-lo, passa a absorver a imagem daquele auxiliar.

Os princípios de um governo estão apoiados na verdade, na justiça, na honradez, na competência, na austeridade e na permanente busca do bem comum. Um chefe de Estado não pode comprometer a feição do governo com a da personalidade desviada de um dos membros de sua equipe. O homem público destaca-se pela incomum capacidade de discernimento, combinada a outras qualidades indispensáveis, entre elas a compreensão de ser elemento de um conjunto. Isto significa que cada um de seus atos se reflete no conjunto, ainda que este não se haja advertido da ação por aquela praticada. Os elementos do conjunto são solidários; cada um sofre as consequências positivas ou negativas da ação dos demais. Nenhum está isolado, mas em estreita ligação com os demais elementos do mesmo conjunto.

Assim, um abalo no alicerce de um

edifício pode pô-lo abaixo ou prejudicar-lhe seriamente o equilíbrio. Sua cúpula sofrerá igualmente os efeitos, nem contribuirá para salvá-la o fato de a fenda haver-se produzido subterraneamente, às ocultas de todos.

Grande é o homem público que age sempre de modo a evitar que o edifício seja abalado. Da presunção de que ele está agindo neste sentido, e em benefício da coletividade, resulta o apreço em que ela o tem. O genuíno homem público não considera os laços pessoais, de parentesco ou amizade, senão quando eles não podem levá-lo a atuar contrariamente ao interesse geral.

Uma consciência tranquila é o escudo mais sólido; e o escrúpulo, a sentinela mais digna de confiança. Quem está sempre alerta, nunca é surpreendido.

Felizes os chefes que dispõem de auxiliares honestos, trabalhadores e eficientes, assim como venturosos são estes quando dispõem de dirigentes que os sabem aconselhar e inspirar.

O marquês de Maricá, em suas Máximas, afirmava: "Aqueles que menos sabem governar-se são ordinariamente os que mais ambicionam governar os povos".

O homem que tem o poder de dispor de bens públicos ou coletivos deve ser um exemplo para a comunidade, um paradigma para os subordinados, motivo de orgulho para seus iguais e objeto de gratidão da parte daqueles a quem deve prestar contas. Em uma administração não existem segredos.

A política, mais que outra atividade humana, deve ser feita com ética, com moral e elevação de espírito. O político, geralmente, é um exemplo. Do bem ou do mal, como decorrência de sua maneira de proceder, de conduzir soluções que afetam vidas de milhares de pessoas.

A mentira, a demagogia, a falsidade, a calúnia devem ser eliminadas das atitudes do homem público. Pode parecer utópico, mas é necessário existir pelo menos o propósito de que essas fraquezas sejam superadas.

Nos caminhos da vida, sempre tropeçamos nos espíritos desleais. Os destituídos de caráter, criticando ou bajulando, sempre prejudicam. As glórias, as honrarias, os êxitos não devem iludir.

A postura moral e intelectual do homem público deve ser tida como algo de sagrado, absoluto, pois, do contrário, não seremos dignos e legítimos detentores do mandato popular.

Os governos democráticos têm sido, ao longo do tempo, alvo das mais contundentes críticas da imprensa, o que é salutar, porquanto faz parte da convivência dos contrários. Hoje as críticas transformaram-se em denúncias contra alguns administradores públicos, que, investidos da autoridade que seus cargos lhes confere, aproveitam-se do poder de influência que eventualmente desfrutam, para cuidar de interesses pessoais, em detrimento dos legítimos anseios da coletividade.

Os jornais falam constantemente em corrupção. As greves se alastram. A sociedade brasileira parece descrente de tudo e de todos. O mais grave é que o povo está perdendo a capacidade de indignação. Está ficando apático. O Brasil, entretanto, dispõe de potencialidades amplas, capazes de transmitir aos seus filhos o natural sentimento de orgulho e a fé inabalável em seu venturoso destino.

■ Divaldo Suruagy, ex-governador de Alagoas, é senador pelo PMDB